

23D

AO PÊSO DA CRUZ

Dr. Vasco de Mendonça Alves

S
130
99

Victor = I

Scena =

Acto = I =

Um pateo de habitações pobres com as suas notas evocativas dum passado de grandeza e características da poesia e graça do povo de Lisboa. A entrada ao Fundo; teria sido a entrada principal de um antigo palácio, de que apenas ficou a cantaria desprezada e envelhecida na sua sumptuosidade, que ao alto conserva entre os corcovidados ornatos a pedra de armas, e uns restos de grade de um lado e outro que teriam acompanhado o átrio. Esta passagem está colocada com a frente na direcção da direita baixa, de modo que esses trechos da arruinada parede veem-se o da **I** pela face exterior, e o da **II** pela interior com restos de azulejo. Assim, apenas se descobre uma mèsaga da rua. O **II. A.**, no prolongamento da parede da entrada, uma casa; a porta com postigo e cortinas, levantada do chão um degrau, tem o numero 1. Segue-se uma parede que se desvia para a **II**. O baixo desta esquina ha uma velha e frondosa ti-

lia que se perde nos bastidores. De frente desta casa, à E, ha uma com o numero 19, bem pintada, com uma janela enquadraada na porta, com as suas cortinas de cassa branca, bem engomadas e postas com graça. Entre esta e a parede da entrada ha um pequeno espaço limitado por umas canas baixas e cruzadas que seguem a direção da casa até ao extremo da parede. É um pequenissimo quintal com varios craveiros floridos junto das cornas, uma roseira que vem subindo pelo corno da casa, com poucas rosas; vê-se ainda uma proteleira pregada na parede que limita o quintal ao F, com vovos e latas com herwa da fortuna, hortelã, mangerico e varias plantas. Segada com esta casa segue-se outra com o numero 18, menos cuidada. Pendurada na parede, uma gaiola com um grilo e uma folha de alface.

3151 Personagens 3152

Albertina _____
Madalena _____
Isabel _____
Luiz _____
Francisco _____
Manuel _____

Lisboa = Actualidade.

Plato = I =

Scena = I =

Albertina, Isabel e Francisco.

Albertina tem a sua porta, a do numero 1, aberta para traz. Está acabando de esfregar o limiar. Traz uma souia velha e preso na cintura um pedaço de linhagem para se não molhar, o vestuário de quem é pobre e se está ocupando de limpezas e arranjo de casa, umas chinelas velhas. Está ajoelhada sobre uma serapilheira.

Isabel tem a sua porta, a do numero 18, entreaberta. Está sentada numa cadeirinha baixa, lendo o "Diario de Noticias". Tem uma blusa de cor garrida, uma saia clara, e um pequeno avental de outra cor. Francisco, entra pelo fundo. Traz um fato escuro e novo.

Um emblema na botoeira superior do casaco.

Albertina

(Para Francisco que vai a passar.)

Olha, lá, o Chico, que horas são?

Francisco =

O relógio da igreja foi deu meio
o dia ha uns cinco minutos.

Albertina =

(Com espanto) Ah! Quêres crêr
que não ouvi o sino? É bem
certo: o tempo vòu. *(Olta com
a escova para dentro da tigela da
coza e limpa o chão com o pano que
depois molha na agua da tigela, re-
perta-o e escorre-o para de novo lim-
par o chão. Estes movimentos a-
compañam o dialogo.)*

Francisco

O' tia Albertina, ao domingo
não se trabalha. É dia santo!

Albertina =

Juntos são todos êles e... para
mim êste é mais santo que os
outros.

Francisco

Então, porquê?

Albertina

*(Interrompendo o trabalho, indica
com a mão e a cara a presença*

de Isabel, que está de costas e não atende à conversa, como quem não quer explicar adeante dela. Francisco fica surpreendido ao reparar em Isabel) Porquê?... Digo eu cá isto. (Volta a limpar o chão cantando:)-

O'menina, vá ao baile,
Que bailar é coisa boa.
É bailar que faz casar
Os meninas de Lisboa.

(Retira com o pano para dentro da tigela, levanta-se e ensuga as mãos na linhagem que traz presa na cintura.)

Isabel

(Surpreendida com o canto de Albertina, poisou o jornal no colo e volta-se para trás sorrindo. Volta uma gargalhada.) O tia Albertina a cantar! É a primeira vez que oço!...

Francisco

(Rindo) Bravo! Acordou hoje mais nova!

Isabel

Tambem quere bailar para casar?

Albertina

Então os velhos não teem licença para rir e cantar? Queitol está!

Francisco -

Qual historia! Faz muito bem! Cante lá mais um bocadinho!

Albertina

Ora vai-te catar! (*ouvindo fora da porta*) Cantei, sim! É que... (*reprimindo a expansão*) Uma pessoa quando não tem com quem falar, fala sozinha. É como eu não estou para me ouvir falar e já estou farta de saber e de ouvir tudo quanto se passa comigo, oigo-me contar.

Francisco

É gosta?

Albertina

Já gostei mais, quando a vez era nova e bonita.

Francisco

(Aproximando-se dela com seriedade de gombeteira.) É olhe que ainda hoje não é feia.

Albertina =

(Apanhando do chão a serapilheira em que apoiava os joelhos.) Não?

Isabel

(Sincera) É não!.

Francisco

Eu se lhe não visse a cara, cuidava que era uma pequena da escola.

Albertina

(Simulando atirar-lhe com a serapilheira e afugentando-o. Francisco foge rindo e Isabel ri.) Ol corinho dêle! (risotinha) Descarado! É eu aqui a perder o meu tempo! (Entra em casa levando a serapilheira e a tigela da casa.)

Scena = II =

Os mesmos menos Albertina

Francisco

(Aproximando-se de Isabel) Está

Bem disposta, a tia Albertina.

Isabel

Nunca assim aí vi.

Francisco

Vieste cá hoje?... A ti 'Olina não está.

Isabel

Pois, não. O teatro está aberto e ao domingo tem de lá estar cheio. Há espectáculo de dia. Ela e as outras costureiras.

Francisco

Então volta lá para aí uma da noite ou mais... É deixa-te sózinha?

Isabel

(Pindo) Oh, eu não me perco. É minha amiga, mas tem lá a sua vida. Quando a minha mãe morreu, já ela tinha en-
viuvado. Os filhos estão para a África e pouco caso fazem dela. Mandam-lhe de tempos a tempos alguma coisa.

Eu não tinha ninguém; ela
também estava só. Foi casada
com um irmão da minha
mãe, está no lugar da tia.
Então não sabes? As duas era-
mos pobres. Assim sempre te-
mos a casa, posso dizer que
tenho família... (Pindo) Olha
comprei um grilo para me a-
companhar. Olinda nem um
pió, Galado, calado como as
pedras da rua. Meus! Essas
ainda contam ou se queixam
ou riem ou lá o que é quan-
do a chuva lhes bate, quando
as pisamos... Comprei o jornal
para ver os anúncios. Nem um
que me sirva! (Cruzando os bra-
ços resignada) Ai, ao menos já
falei! Não posso estar cala-
da muito tempo.

Francisco

(Lorrindo) Foste da casa, não?

Isabel

Olha, por isto mesmo. Quando

tenho razão não me cãlo. Se eu
não tenho ninguém me ouve. u-
ma palavra. Não podem dizer
que sou respondona. Se o dizem
mentem. Nem que oço aqui con-
to acoloi. Não sou de ditos, nem
intrigas! Nem podem dizer que
não sei fazer as coisas. Não fa-
ço porque não quero. Nunca dei
certas confianças a patrões ou
a meninos da casa. Se quizer
um rapaz não me falta cá fóra.
Crêdo! tantos homens! É perfei-
tos rapazes! Estou farta! tantos!
Não quero mais namôros. Para
quê? Não caso com eles e ne-
nhum casa comigo! Sai... Uma
coisa sem importância! Por cau-
sa do telefone. (*Revoltada*) Tra-
palthona?! Trapalthona é ela,
que tem dois namoros ao mes-
mo tempo. É a mãe consente
e vai tomando informações
para saber qual deles é mais
rico. São os dois tão ricos co-

mo eu. Bem feita! (Passa do desespero para um riso franco e irrepremissível) Oli, só visto! (Imitando-o) Sua pitrevida!

Francisco

Como foi?

Isabel

Tinham contado trinta chamadas e no recibo apareceram trinta e seis. Quem havia de ser? A Isabel para falar ao namorado quando os patrões saíam. Oli, deu-me cá por dentro uma coisa! Pois se era mentira? Uma rapariga que lá esteve já me tinha contado que aquilo com o telefone era mesmo impossível de aturar. "A pitrevida é a senhora!". Foi o fim do mundo. Quando saiu a senhora do rez-do-chão, que sabia pela criada do segundo andar o que se tinha passado estava aí porta aí minha espera para me ajustar. Não

quize. Não engraco com aquele
sitio. Casas velhas e boratões!...
Quero ir para o Bairro Azul. As
casas são novas e não tem ba-
ratas.

Francisco

(Rindo) Não paras em parte ne-
nhuma.

Isabel

Patrões e criadas são todas bô-
as o primeiro mês. Depois é uma
sorte continuarem a ser bôas.
Eu tenho pouca sorte...

Francisco

O peor é para o teu rapaz.

Isabel

Qual?

Francisco

Aquêlê... o... Sim êle era lá do
sitio... Agora vais para outro
bairro e...

Isabel

Já acabou.

Francisco

E o outro?

Isabel

Qual deles? Eram cinco a volta de mim. Acabei com todos. É tudo o mesmo. Todos são bons o primeiro mês. Depois... de os conheço! Pouca sorte!...

Francisco

Lembras-te de quando te pedi namoro?

Isabel

Foi há dois anos, pelo Santo António, no baile da Sociedade, pois não foi?

Francisco

Foi.

Isabel

Como foi que acabou? Lembras-te?

Francisco

Foste servir lá para a Jungueira...

Isabel

(Recordando-se) Ah! sim, sim... Estive dois meses nessa casa... Boa casa!